



## Elegia marcial e ocasião de *performance*

Rafael de C.M.Brunhara  
Mestrado – USP

Orientadora: Profa. Doutora Paula da Cunha Corrêa

### Resumo

O presente trabalho consiste de um exame breve das correntes teóricas que propõem o simpósio aristocrático como ocasião única e evidente da *performance* de poemas elegíacos arcaicos de pequena extensão. Igualmente, considera testemunhos antigos sobre a recepção da poesia de Tirteu e a presença de tópicos militares em elegias notadamente simposiais. Por conseguinte, visa a oferecer, liminarmente, pressupostos para uma compreensão outra da elegia exortativa marcial, na medida em que verifica a relação entre esta poesia, o contexto que a motiva, e a sua similaridade formal e temática com textos pertencentes à tradição épica.

**Palavras-chave:** Elegia grega arcaica, ocasião de performance, Tirteu, tradição épica.

### Martial elegy and performance

#### Abstract

This work consists in a brief exam of academical studies which assume the aristocratic *symposion* as an exclusive occasion for early greek elegies' performance. It also considers historical evidence about the reception of Tyrtaeus' poetry and the presence of military topics in typical *symposion* environment. Therefore, this paper raises preliminary conjectures for a different comprehension on martial exhortative elegy, along with the inspection of relations among this poetry, its context, and its formal and thematic resemblances with epic texts.

**Keywords:** early greek elegy; epic tradition; performance; Tyrtaeus.

Em meados da década de 60, no artigo “*The poetry of Archilochos*”, Kenneth Dover sugeriu, dada certa coincidência de *éthos* entre composições elegíacas e jâmbicas de Arquíloco, que o único traço comum para a definição genérica de seus poemas seria *ocasião* para a qual foi composto (1964, p.189). Desde então, consoante aos trabalhos que se seguiram a esse estudo e ao de Martin West sobre a elegia grega arcaica em *Studies in Greek Elegy and Iambus* (1974, p.1-21), é factível pensar que o metro e a linguagem de um poema são recursos menos profícuos do que o ambiente de destinação de um poema, *i.e.*, sua *ocasião de performance*, para a delimitação de um gênero poético na Grécia do período arcaico (séc. VII a.C- V a.C).

Os estudos dos últimos anos assinalam que quase toda a lírica monódica do período arcaico – incluindo sob esta categoria a poesia elegíaca – tivera o *simpósio*<sup>1</sup> como seu espaço de *performance* original. Ewen Bowie, em *Early Greek Elegy, Symposium and Public Festival*, por exemplo, demonstra que as evidências que se podem depreender de fragmentos supérstites atestam tão-somente o simpósio como ambiente propício à prática da elegia.

O erudito menciona os versos 237-243 do *corpus* de elegias atribuído a Teógnis, a *Teognideia*. O poeta enuncia a seu *eromenos* Cirno que seus versos são alados dons de Musas que o farão transpor os limites do tempo e do espaço, pois seu nome será eternamente celebrado por toda a terra grega. E o local dessa celebração remete propriamente ao simpósio – banquetes e festins integrados por belos jovens portando o aulo, instrumento da elegia:

---

<sup>1</sup> Entendo o simpósio (*symposion*) como uma festividade altamente ritualizada, com regras específicas, que se dava após o banquete propriamente dito e privilegiava o ato de beber. Era composto por pequenos grupos de homens aristocratas e dominado, ao mesmo tempo, por um forte sentimento de coesão e competição (c.f. Wecowski 2002 *apud* Irwin 2005, p.44, n. 25; Ragusa 2009, p. 20-25).

σοὶ μὲν ἐγὼ πτέρ' ἔδωκα, σὺν οἷς ἀπείρονα πόντον  
πρωτήσῃ καὶ γῆν πᾶσαν ἀειρόμενος  
ῥηδίως. θοίνης δὲ καὶ εἰλαπίνησι παρέσση  
ἐν πάσαις, πολλῶν κείμενος ἐν στόμασιν,  
καὶ σε σὺν αὐλίσκοισι λιγυφθόγγης νέοι ἄνδρες  
εὐκόσμως ἐρατοὶ καλά τε καὶ λιγέα  
αἴδονται (...)

A ti dei asas, com as quais sobre o mar infinito  
voarás, elevando-se sobre toda terra  
facilmente: E também, em todas festas e banquetes,  
estarás presente, nas bocas de muitos:  
com flautins sonoros, encantadores jovens,  
graciosamente, celebrar-te-ão com belas e harmoniosas  
vozes.”<sup>2</sup>

Todavia, quanto ao contexto de apresentação das elegias de cunho militar exortatório, cujos autores mais significativos são Calino de Éfeso e Tirteu de Esparta<sup>3</sup>, algumas questões são continuamente levantadas.

Segundo Martin West (1974, p. 10), as elegias exortativas de Tirteu eram entoadas em um momento precedente à batalha, na qual “os guerreiros são exortados a ter coragem e a conquistar glória”, mas não há qualquer alusão direta a essa ocasião nos fragmentos que nos foram transmitidos. West recorre a dois testemunhos para o estabelecimento de uma ocasião de *performance* para a elegia marcial. O primeiro é datado do século IV a.C. Trata-se do opúsculo *Contra Leócrates* (§ 107), de Licurgo. Nele, o orador menciona que em sua época era um *nomos* espartano a récita de poemas de Tirteu na tenda do rei:

---

<sup>2</sup> Tradução de Viviane Maiyumi Ishizuka (2002).

<sup>3</sup> Outras elegias incluídas neste grupo podem ter sido o fragmento 3 W de Arquíloco e o 14 W de Mimnermo. (c.f. West, 1974, p.10.)

καὶ περὶ τοὺς ἄλλους ποιητὰς οὐδένα λόγον ἔχοντες περὶ  
τούτου οὕτω σφόδρα ἐσπουδάκασιν ὥστε νόμον ἔθεντο, ὅταν  
ἐν τοῖς ὅπλοις {ἐκστρατευόμενοι} ᾧσι, καλεῖν ἐπὶ τὴν τοῦ  
βασιλέως σκηνὴν ἀκουσομένους τῶν Τυρταίου ποιημάτων  
ἅπαντας, νομίζοντες οὕτως ἂν αὐτοὺς μάλιστα πρὸ τῆς  
πατρίδος ἐθέλειν ἀποθνήσκειν. χρήσιμον δ' ἐστὶ καὶ τούτων  
ἀκοῦσαι τῶν ἐλεγείων, ἵν' ἐπίστηθε οἷα ποιοῦντες  
εὐδοκίμουν παρ' ἐκείνοις.

Embora não tivessem em conta alguma os outros poetas, por ele [*scil.* Tirteu] tiveram um interesse tão veemente que outorgaram uma lei que, quando estivessem em armas, {fazendo uma expedição militar}, convocava todos à tenda do rei para ouvirem os poemas de Tirteu, presumindo que assim eles desejariam ao máximo morrer pela terra pátria. É-vos útil ouvir destes dísticos elegíacos, de modo a vos persuadires quanto ao tipo de poesia que era apreciada entre eles [*scil.* Espartanos] (...) <sup>4</sup>

Contudo, a citação de Licurgo é anacrônica para a análise das ocasiões de *performance* de elegias no período arcaico, por relatar um procedimento bem posterior à época em que se estima a atividade poética de Tirteu. Um testemunho do historiógrafo Filocoro de Atenas (*Fr. Gr. Hist. 328 F 216*) encontrado no *Banquete dos Eruditos* de Ateneu (XIV, 630 ss.) é então aduzido por West para corroborar que a prática espartana já retrocedia ao sétimo século. Filocoro afirma que o hábito de entoar os poemas de Tirteu nas expedições espartanas surgira logo após a vitória sobre os messênios, o que teria se dado em meados do século VII a.C :

---

<sup>4</sup> Todas as traduções, exceto quando especificado, são de minha responsabilidade. A edição é de West (1974).

Φιλόχορος δέ φησιν κρατήσαντας Λακεδαιμονίους Μεσσηνίων διὰ τὴν Τυρταίου στρατηγίαν ἐν ταῖς στρατείαις ἔθος ποιήσασθαι, ἂν δειπνοποιήσωνται καὶ παιανίσωσιν. αἰδεῖν καθ' ἓνα <τὰ> Τυρταίου. κρίνειν δὲ τὸν πολέμαρχον καὶ ἄθλον διδόναι τῷ νικῶντι κρέας.

E Filocoro diz que os lacedemônios, depois de vencerem os messênios pela liderança de Tirteu, estabeleceram um hábito em suas campanhas militares: sempre depois de jantarem e entoarem o peã, cantariam um por um os poemas de Tirteu. O polemarca julgaria e daria uma fatia de carne ao vencedor como prêmio”.

De modo geral, os testemunhos recolhidos por West informam que a *performance* das elegias de Tirteu se dava quando os soldados estavam em campanha. Por outro lado, nada nas fontes parece sugerir que a elegia exortativa marcial seria apresentada em uma ocasião precedente à batalha.

A única elegia marcial que pode trazer alguma referência a um ambiente de *performance* específico é o mais longo fragmento de Calino de Éfeso (1 W)<sup>5</sup>, que em seus quatro primeiros versos traz:

Μέχρις τέο κατάκεισθε; κότ' ἄλκιμον ἔξετε θυμόν,  
ὦ νέοι; οὐδ' αἰδεῖσθ' ἀμφιπερικτίονας  
ὧδε λίην μεθιέντες; ἐν εἰρήνῃ δὲ δοκεῖτε

---

<sup>5</sup> Alguns pressupostos teóricos da análise que ora apresento realizei anteriormente em BRUNHARA, R.C.M. “Tradição épica e elegíaca: a poesia de Calino e Tirteu” nos Anais da XXIII semana de estudos clássicos/V congresso de Iniciação Científica em Estudos Clássicos, Araraquara, 2008, p. 27-35 (link:<http://www.fclar.unesp.br/ec/BANCO%20DE%20DADOS/XXIII%20SEC/TEXTOS/ARTIGOS%20PDF/brunhara.pdf>)

ἦσθαι, ἀτὰρ πόλεμος γαῖαν ἅπασαν ἔχει.

Até quando ficais deitados? Quando tereis um ânimo valente,  
jovens? Não tendes vergonha de seus convizinhos,  
assim folgados em excesso? Em paz pareceis  
vos assentar, mas a guerra toma toda a terra.

Os termos utilizados pelo poeta elegíaco parecem remeter precisamente ao simpósio. No primeiro verso, emprega-se o verbo κατάκεισθε (*katákeisthe*). Este verbo é utilizado pelo poeta como sinédoque para um estado de ociosidade e inação, mas seu sentido primeiro denota simplesmente o ato de reclinar-se, e é o mesmo verbo empregado para designar a postura dos convivas no simpósio. Adkins (1985) observa que o termo é raro na *Ilíada* e na *Odisseia* e utilizado apenas com o sentido de “estar deitado”. Entre os textos de que temos notícia, este outro sentido é atestado pela primeira vez somente em Xenofonte, como mostra Tedeschi (1978, *apud* Bowie, 1990).

Bowie (1990, p.223) entende que o sentido literal é o mais adequado, uma vez que a acusação de ociosidade feita pelo poeta à sua audiência não condiz com um ambiente precedente à batalha, onde os esforços já estariam concentrados na atividade bélica, o que seria até mesmo impróprio como uma exortação à luta. Por conseguinte, seria preciso supor antes um contexto de relaxamento, e tal contexto – dadas as fontes e testemunhos oferecidos – provavelmente seria o simpósio.

μεθιέντες (*methíentes*, “relaxados”, verso 3) e ἦσθαι (*hésthai*, “estar sentado”, verso 4) também não são termos estranhos a uma ocasião simposial: ambos contêm a mesma literalidade de κατάκεισθε e prolongam a ideia apresentada por este verbo. Ainda, a metáfora do verso 11, τὸ πρῶτον μειγνυμένου πολέμου (“tão logo a guerra se mescle”), apresenta um raro emprego de πόλεμος (*pólemos*, “guerra”) como sujeito pessoal associado ao verbo μίγνυμι (*meígnymi*, “misturar”) e assim

parece comparar uma prática do simpósio (a mistura de vinho e água) ao entrelaço de tropas adversárias no início do conflito.

Nesse sentido é factível considerar que as elegias dos poetas marciais podiam ter suas primeiras *performances* visando tanto a tenda do rei, durante uma campanha militar, quanto uma ocasião propriamente simposial, e aquelas que se provassem mais populares eram entoadas em ambos os locais, indistintamente.<sup>6</sup> Mas qual seria a função no contexto de simpósio de uma poesia que tem como um dos seus temas centrais a exortação à coragem militar?

Bowie (1990, p.228) recorre à *Teognideia* (vv.885–890) para demonstrar que o tema podia ser utilizado no ambiente simpótico, mesmo quando hostilidades não estivessem à vista. Eis os fragmentos recolhidos pelo erudito:

εἰρήνη καὶ πλοῦτος ἔχει πόλιν, ὄφρα μετ' ἄλλων  
κωμάζοιμι. κακοῦ δ' οὐκ ἔραμαι πολέμου.

Que paz e riqueza mantenham a cidade, para que eu  
vá p'ra farra com os outros: não gosto da guerra má!

μηδὲ λίην κήρυκος ἀν' οὓς ἔχε μακρὰ βοῶντος  
οὐ γὰρ πατρώιας γῆς πέρι μαρνάμεθα.

Não dê muito ouvidos aos brados do arauto:  
nós não lutamos pela terra pátria.

ἀλλ' αἰσχρὸν παρεόντα καὶ ὠκυπόδων ἐπιβάντα  
ἵππων μὴ πόλεμον δακρυόεντ' ἐσιδεῖν.

É torpe quem se apresenta e marcha com corcéis  
de prestos pés para não encarar a guerra lágrima.

---

<sup>6</sup> Ver Bowie (1990, p. 228) e Gerber (1997, p.92).

É pensando nesse amplo alcance da poesia que se pode falar do caráter *pan-helênico* da elegia exortatória. Se por um lado costuma-se atribuir a esta poesia função em uma situação histórica particular – como é o caso de Tirteu, por exemplo, inextricavelmente ligado pela crítica às guerras messênicas – por outro, tem-se determinações genéricas, isto é, uma forma convencional que possui sentido amplo no universo de diversas *póleis* gregas e se instaura em uma ocasião de performance comum: o simpósio aristocrático.

Assim, emerge outra pergunta que deve ser proposta para a apreensão destes fragmentos: haveria um significado em entoar no simpósio tais temas, tão afeitos à tradição heroica? Em outras palavras, como se dá o vínculo entre esta tradição e o contexto social em que se insere?

A resposta de helenistas como Irwin (2005, p.25) é de que é “claramente impossível” não reconhecer que há algum tipo de relação intertextual entre a poesia épica como representada por Homero, notadamente pela *Ilíada*, e os versos da elegia marcial. Segundo a autora, um dos traços principais compartilhado por ambos é a instância da *exortação*. Assim, Héctor, nos versos 494 a 497 do décimo quinto livro da *Ilíada*, dirige-se a seus compatriotas com um sentimento similar àquele expresso nas elegias de Calino e Tirteu<sup>7</sup>:

ἀλλὰ μάχεσθ' ἐπὶ νηυσὶν ἀλλέες. ὅς δέ κεν ὕμεων  
βλήμενος ἢ τυπεὶς θάνατον καὶ πότμον ἐπίσπη,  
τεθνάτω. οὐ οἶ ἀεικὲς ἀμυνομένῳ περὶ πάτρης  
τεθνάμεν...

---

<sup>7</sup> Ver, por exemplo, o fragmento 10 W de Tirteu, vv. 01-02:  
“É belo que um homem bom morra, caído

à frente, em luta pela sua pátria”. (minha tradução).



...à luta, unos, junto às naus:  
quem de longe ou de perto, a morte o alveje,  
é o fado, morra; não é desonra morrer  
lutando pela pátria...<sup>8</sup>

Irwin (2005, p.33) sugere uma mudança de foco em relação às correntes anteriores (que julgaram haver um desenvolvimento de conceitos na elegia exortativa em relação à épica) para se compreender a dinâmica entre tradição épica, poesia elegíaca militar e o seu contexto histórico-social. Nesse sentido, é necessário enfatizar não as diferenças, mas as similaridades óbvias que norteiam ambas as poesias, e, assim, explorar o que significaria ter apresentado tais similaridades no contexto social demarcado pela ocasião de performance do simpósio.

A autora encontra o elo entre ocasião de *performance* da elegia grega arcaica e a poesia épica nas cenas de banquetes apresentadas na *Ilíada* e na *Odisseia*, nas quais são revelados prerrogativas e honras heróicas. A audiência do simpósio era composta unicamente por indivíduos detentores de privilégios, a saber, os membros da aristocracia. Nesse sentido, o simpósio se identifica com os banquetes da poesia épica, uma vez que os indivíduos que participam de ambos recebem privilégios por conta de seu *status*.

Se está diante, portanto, de uma audiência *exclusiva*: Não se trata, por exemplo, do espaço público da ágora, onde noções políticas e menções a obrigações civis eram veiculadas de acordo com a ocasião presente (Irwin, 2005, p.11).

Destarte, ao desempenhar uma exortação afim à poesia épica no ambiente simposial, o poeta grego, também ele um aristocrata, revela índices de estratificação social que demarcam os privilégios recebidos por essa elite que toma parte do

---

<sup>8</sup> Tradução de Haroldo de Campos (2002).

simpósio, visando assim uma adequação dos bens aristocráticos com os lugares de honra recebidos pelos heróis da epopeia. (Irwin, 2005, p.29-35).

No entanto, uma vez que tais heróis recebem seus privilégios por serem *os melhores* dentre os seus e distintos por sua proeminência no combate, Irwin teoriza que ocorre, no âmbito do simpósio, uma *ficcionalização* de papéis heróicos.

Desse modo, pode-se afirmar que uma das funções essenciais da elegia marcial praticada em âmbito simposial consiste em asseverar uma identidade heróica aos participantes do simpósio por meio de uma linguagem em comum com a tradição épica.

## Bibliografia

ADKINS, A.W.H. "Callinus 1 and Tyrtaeus 10 as poetry". *Classical Philology*.

New York, v.81. p.59-97. 1977.

\_\_\_\_\_. *Poetic craft in the Early Greek Elegists*. Chicago and London: University of Chicago Press, 1985.

BOWIE, E. L. "Early Greek elegy, symposium and public festival" *JHS* 106, 1985, p. 13-35.

\_\_\_\_\_. "Miles ludens? The problem of martial exhortation in early greek elegy" in: MURRAY, O. (org.) *Sympotica. A symposium on the symposium*. p.220-229. Oxford: Oxford University Press. 1990.

BRUNHARA, R.C.M. "Tradição épica e elegíaca: a poesia de Calino e Tirteu" in: LONGO, G. & VIEIRA, B.G. (org.) *Anais da XXIII semana de estudos clássicos/V congresso de Iniciação Científica em Estudos Clássicos*, Araraquara, 2008, p. 27-35

CAMPOS, H. (trad.) *A Ilíada de Homero*. Tradução do grego de Haroldo de Campos, introdução de Trajano Vieira. São Paulo: Arx. 2002.

- DOVER, K. "The Poetry of Archilochos". in: *Archiloque Entretiens sur l'antiquité classique*. Genève: Fondation Hardt. 1964 p.181-222.
- IRWIN, E. *Solon and Early Greek Poetry, The Politics of Exhortation*. Cambridge: Cambridge University Press. 2005.
- ISHIZUKA, V.M. *Teógnis, a voz de Megara: Kléos, Némesis e Philía*. São Paulo: Dissertação USP. 2002.
- GERBER, D.E. *A Companion to the Greek Lyric Poets*. Leiden, New York, Köln: Brill. 1999.
- RAGUSA, G. *Imagens de Afrodite: variações sobre a deusa na mélica grega arcaica*. São Paulo: Tese USP, 2009.
- WEST, M.L.(ed.) *Iambi et Elegi Graeci ante Alexandrum Cantati*. Oxford: Oxford University Press. 1974. vol.2.
- \_\_\_\_\_. *Studies in Greek Elegy and Iambus*. Berlin, New York: Walter de Gruyter. 1974.



Recebido em Fevereiro de 2010  
Aprovado em Abril de 2010